

HONORÉ
DE BALZAC

A mulher
de trinta anos

Tradução de
ROSA FREIRE D'AGUIAR

Introdução de
ELIANE ROBERT MORAES



Copyright © 2015 by Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

La Femme de trente ans

PREPARAÇÃO

Maria Fernanda Alvares

REVISÃO

Huendel Viana

Eliana Medeiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Balzac, Honoré de, 1799-1850.

A mulher de trinta anos / Honoré de Balzac; tradução de Rosa Freire d'Aguiar; introdução de Eliane Robert Moraes. — 1^a ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

Título original: La Femme de trente ans
ISBN 978-85-8285-011-4

1. Romance francês 1. Moraes, Eliane Robert 11. Título

14-12886

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura francesa 843

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Eliane Robert Moraes	7
Prefácio da edição Béchet (1834) — Honoré de Balzac	19
A MULHER DE TRINTA ANOS	
1. Primeiras faltas	23
2. Sofrimentos desconhecidos	97
3. Aos trinta anos	119
4. O dedo de Deus	143
5. Os dois encontros	159
6. A velhice de uma mãe culpada	213
<i>Notas</i>	229
<i>Cronologia</i>	232
<i>Outras leituras</i>	239

I

PRIMEIRAS FALTAS

No começo do mês de abril de 1813, houve um domingo cuja manhã prometia um desses lindos dias em que os parisienses veem pela primeira vez do ano suas calçadas sem lama e seu céu sem nuvens. Antes do meio-dia, um cabriolé de duas rodas puxado por dois cavalos fogosos desembocou na rua de Rivoli pela rua de Castiglione e parou atrás de várias carruagens estacionadas ao lado da grade recém-aberta no meio do terraço dos Feuillants. Essa carruagem ligeira era conduzida por um homem aparentemente preocupado e doentio; os cabelos grisalhos mal cobriam seu crânio amarelado e o envelheciam precocemente; ele jogou as rédeas para o lacaio a cavalo que seguia seu carro e desceu para pegar nos braços uma moça cuja beleza delicada atraiu a atenção dos ociosos que passeavam pelo terraço. A criaturinha, condiscendente, deixou-se agarrar pela cintura quando ficou de pé no estribo e passou seus braços em volta do pescoço de seu guia, que a pôs na calçada sem amarrotar a armação de seu vestido de repes verde. Um amante não teria tido tanto cuidado. O desconhecido devia ser o pai dessa criança, que, sem lhe agradecer, pegou-lhe familiarmente o braço e o arrastou abruptamente para o jardim. O velho pai reparou nos olhares maravilhados de certos rapazes, e a tristeza estampada em seu rosto apagou-se por um instante. Embora tivesse chegado, havia algum tem-

po, à idade em que os homens devem se contentar com as enganosas fruições dadas pela vaidade, ele sorriu.

— Pensam que você é minha mulher — disse ao ouvido da jovem, reerguendo-se e andando com uma lentidão que a desesperou.

Parecia demonstrar vaidade com a filha, e talvez desfrutasse mais que ela dos olhares que os curiosos lançavam para seus pezinhos calçados com borzeguins de seda cinza, para uma cintura deliciosa desenhada por um vestido de corpete fino e para o pescoço viçoso que uma gola bordada não escondia inteiramente. Os movimentos do andar às vezes levantavam o vestido da moça e permitiam ver, acima dos borzeguins, uma perna roliça finamente modelada por uma meia de seda rendada. Assim, mais de um passante ultrapassou o casal para admirar ou rever o rosto jovem em torno do qual balançavam alguns cachos de cabelos castanhos, e cuja alvura e encarnado eram realçados tanto pelos reflexos do cetim rosa que forrava um elegante chapéu como pelo desejo e impaciência que cintilavam em todas as feições dessa linda criatura. Uma suave malícia animava seus belos olhos pretos, amendoados, dominados por sobrancelhas bem arqueadas, debruados por longos cílios que banhavam num fluido puro. A vida e a juventude exibiam seus tesouros nesse rosto travesso e num busto ainda gracioso, apesar da cintura então marcada sob o seio. Insensível às homenagens, a moça olhava com uma espécie de ansiedade o castelo das Tuileries, provável objetivo de seu petulante passeio. Faltavam quinze para meio-dia. Por mais matinal que fosse essa hora, várias mulheres, que todas queriam se mostrar com bonitas toaletes, voltavam do castelo, não sem virar a cabeça com ar amuado, como se estivessem arrependidas de terem ido tarde demais desfrutar de um espetáculo desejado. Algumas palavras que escaparam do mau humor dessas belas passantes desapontadas, e agarreadas no ar pela linda desconhecida, a haviam inquietado

singularmente. O velho espiava com um olhar mais curioso que zombeteiro os sinais de impaciência e temor que se alternavam no rosto encantador de sua companheira, e a observava talvez com muito cuidado para não ter nenhuma segunda intenção paterna.

Esse domingo era o décimo terceiro do ano de 1813. Dois dias depois Napoleão partiria para aquela campanha fatal em que perderia sucessivamente Bessières e Duroc, ganharia as memoráveis batalhas de Lützen e de Bautzen, iria se ver traído pela Áustria, a Saxônia, a Baviera, por Bernadotte, e disputaria a terrível batalha de Leipzig. A magnífica parada encomendada pelo imperador devia ser a última dessas que por tanto tempo excitaram a admiração dos parisienses e dos estrangeiros. A velha guarda ia executar pela última vez as manobras engenhosas cuja pompa e precisão espantaram por vezes até esse próprio gigante, que então se preparava para seu duelo com a Europa. Um sentimento triste levava às Tuileries uma brilhante e curiosa população. Todos pareciam adivinhar o futuro e pressentiam talvez que mais uma vez a imaginação teria de retraçar o quadro dessa cena, quando esses tempos heroicos da França adquirissem, como hoje, tons quase fabulosos.

— Vamos mais depressa, meu pai — dizia a jovem com jeito impaciente, arrastando o velho. — Estou ouvindo os tambores.

— São as tropas que entram nas Tuileries — ele respondeu.

— Ou que desfilam, todo mundo está indo! — ela retrucou com amargura infantil, que fez o velho sorrir.

— A parada só começa ao meio-dia e meia — disse o pai, que andava quase atrás de sua impetuosa filha.

Ao ver o movimento que ela imprimia a seu braço direito, vocês diriam que o utilizava para correr. Sua mãozinha, bem enluvada, amarrrotava impaciente um lenço e parecia o remo de um barco que fende as ondas. De vez em quan-

do, o velho sorria; mas às vezes expressões preocupadas também entristeciam passageiramente seu rosto descarnado. Seu amor por essa bela criatura o fazia tanto admirar o presente como temer o futuro. Parecia pensar: "Hoje ela está feliz, acaso será sempre?". Pois os velhos são bastante propensos a dotar com suas tristezas o futuro dos jovens. Quando pai e filha chegaram ao peristilo do pavilhão em cujo alto tremulava a bandeira tricolor, e por onde os passantes vão e vêm pelo jardim das Tuileries até o Carrousel, as sentinelas lhes gritaram com voz grave:

— Ninguém mais passa adiante!

A menina se ergueu na ponta dos pés e conseguiu entrever uma multidão de mulheres enfeitadas que se amontoava nas laterais da velha arcada de mármore por onde o imperador devia sair.

— Está vendo só, meu pai, saímos muito tarde.

Seu pequeno muxoxo pesaroso traía a importância que ela dera em comparecer a esse desfile.

— Pois então, Julie, vamos embora, você não gosta de ser pisoteada!

— Fiquemos, meu pai. Daqui ainda posso avistar o imperador; se ele morresse durante a campanha, eu nunca o teria visto.

O pai estremeceu ao ouvir essas palavras egoísticas, sua filha tinha a voz embargada; olhou para ela e teve a impressão de observar sob suas pálpebras abaixadas algumas lágrimas causadas menos pelo despeito que por uma dessas primeiras tristezas cujo segredo, para um velho pai, é fácil adivinhar. De repente Julie corou e soltou uma exclamação cujo significado não foi entendido pelas sentinelas nem pelo velho. Diante desse grito um oficial que se lançava do pátio para a escada virou-se abruptamente, avançou até a arcada do jardim, reconheceu a jovem um instante escondida pelos altos gorros de pelo dos grandeiros, e logo abrandou, para ela e para o pai, a ordem que ele mesmo dera; depois, sem se preocupar com os

murmúrios da multidão elegante que assediava a arcada, atraiu suavemente para si a menina encantadora.

— Já não me espanto com a raiva e a pressa dela, pois você estava de serviço — disse o velho ao oficial num tom tão sério como zombeteiro.

— Senhor duque — respondeu o rapaz —, se quiserem ficar bem colocados, não vamos nos distrair com conversas. O imperador não gosta de esperar, e estou encarregado pelo grande marechal de ir avisá-lo.

Enquanto falava, pegou com certa familiaridade o braço de Julie e arrastou-a depressa para o Carrousel. Julie avistou surpresa uma multidão imensa que se comprimia no pequeno espaço compreendido entre as muralhas cinzentas do palácio e os marcos presos pelas correntes que desenham grandes quadrados arenosos no meio do pátio das Tuileries. O cordão de sentinelas, instalado para deixar uma passagem livre para o imperador e seu estado-maior, tinha muita dificuldade em não ser derrubado por essa multidão apressada e zunindo como um enxame.

— Vai ser bem bonito — disse Julie sorrindo.

— Mas tome cuidado — exclamou o oficial, que pegou Julie pela cintura e a levantou com tanto vigor quanto rapidez para transportá-la até perto de uma coluna.

Sem essa retirada abrupta, sua parente curiosa acabaria machucada pelo traseiro do cavalo branco, ajaezado com uma sela de veludo verde e dourado, que o mameluco¹ de Napoleão segurava pelas rédeas, quase debaixo da arcada, a dez passos atrás de todos os cavalos que esperavam os grandes oficiais, companheiros do imperador. O rapaz instalou pai e filha perto do primeiro marco à direita, diante da multidão, e com um sinal de cabeça os recomendou aos dois velhos granadeiros entre os quais estavam. Quando o oficial voltou para o palácio, um ar de felicidade e alegria sucedera em seu rosto ao súbito pavor que o recuo do cavalo lhe causara; Julie apertara misteriosamente sua mão, fosse para agradecê-lo pelo pe-

queno favor que ele acabava de lhe prestar, fosse para lhe dizer: "Finalmente vou poder vê-lo!". Até mesmo inclinou suavemente a cabeça em resposta à saudação respeitosa que o oficial lhe fez, assim como a seu pai, antes de desaparecer com presteza. O velho, que parecia ter deixado de propósito os dois jovens juntos, permanecia numa atitude grave, um pouco atrás da filha; mas a observava de soslaio, e tentava lhe inspirar uma falsa segurança ao parecer absorto na contemplação do magnífico espetáculo oferecido no Carrousel. Quando Julie fixou no pai o olhar de uma colegial inquieta com o professor, o velho lhe respondeu com um sorriso de alegria benevolente; mas seus olhos penetrantes seguiram o oficial até a arcada, e nenhum acontecimento dessa cena rápida lhe escapou.

— Que lindo espetáculo! — disse Julie baixinho, apertando a mão do pai.

O aspecto pitoresco e grandioso que o Carrousel apresentava nesse momento fazia milhares de espectadores proferirem essa exclamação, e todos os rostos estavam boquiabertos de admiração. Outra fileira de gente, tão apertada quanto aquela onde o velho e sua filha estavam, ocupava numa linha paralela ao castelo o espaço estreito e pavimentado que ladeia a grade do Carrousel. Essa multidão acabava de desenhar vigorosamente, pela variedade das toaletes femininas, o imenso retângulo formado pelos edifícios das Tuileries e essa grade então recém-instalada. Os regimentos da velha guarda que iam ser passados em revista enchiam esse vasto terreno, onde figuravam diante do palácio como imponentes linhas azuis de dez fileiras de profundidade. Mais além do recinto, e também no Carrousel, estavam, em outras linhas paralelas, vários regimentos de infantaria e de cavalaria prontos para desfilar sob o arco do Triunfo que ornamenta o meio da grade, e no alto do qual se viam, nessa época, os magníficos cavalos de Veneza. A banda de música dos regimentos, instalada sob as galerias do Louvre, estava escondida pelos

lanceiros poloneses de serviço. Grande parte do quadrado arenoso permanecia vazio como uma arena preparada para os movimentos desses corpos silenciosos cujos volumes, dispostos com a simetria da arte militar, refletiam os raios do sol nas lâminas triangulares de dez mil baionetas. O ar, agitando os penachos dos soldados, fazia-os ondular como as árvores de uma floresta vergadas sob um vento impetuoso. Essas velhas tropas, mudas e brilhantes, ofereciam mil contrastes de cores devido à diversidade dos uniformes, dos enfeites, das armas e das agulhetas. Esse imenso quadro, miniatura de um campo de batalha antes do combate, estava poeticamente emoldurado, com todos os seus acessórios e acidentes estranhos, pelos altos prédios majestosos cuja imobilidade parecia imitada pelos chefes e soldados. O espectador comparava involuntariamente esses muros de homens com aqueles muros de pedra. O sol da primavera, que jogava profusamente sua luz sobre os muros brancos recém-construídos e sobre os muros seculares, iluminava plenamente esses inúmeros rostos morenos que, todos, contavam perigos passados e esperavam gravemente os perigos futuros. Os coronéis de cada regimento iam e vinham sozinhos diante das frentes formadas por esses homens heroicos. Depois, atrás das massas de tropas coloridas de prata, azul, púrpura e ouro, os curiosos podiam avistar as bandeirolas tricolores presas nas lanças de seis incansáveis cavaleiros poloneses, que, semelhantes a cães guiando um rebanho ao longo de um campo, rodopiavam sem parar entre as tropas e os curiosos, para impedir esses últimos de ultrapassar o pequeno espaço de terreno que lhes era concedido ao lado da grade imperial. Não fossem esses movimentos, as pessoas poderiam imaginar que estavam no palácio da Bela Adormecida. A brisa da primavera, que passava sobre os gorros de pelos compridos dos granadeiros, atestava a imobilidade dos soldados, assim como o surdo murmúrio da multidão marcava seu silêncio. Só às vezes a retum-

bância de um chapéu chinês² ou alguma leve batida dada por inadvertência num grande tambor e repetida pelos ecos do palácio imperial, pareciam esses trovões distantes que anunciam uma tempestade. Um entusiasmo indescritível explodia na expectativa da multidão. A França ia dar adeus a Napoleão, na véspera de uma campanha cujos perigos eram previstos pelo mais humilde cidadão. Tratava-se, desta vez, para o Império francês, de ser ou não ser. Esse pensamento parecia animar a população urbana e a população armada que se comprimiam, igualmente silenciosas, no recinto em que pairavam a águia e o gênio de Napoleão. Esses soldados, esperança da França, esses soldados, sua última gota de sangue, também alimentavam, em grande parte, a inquieta curiosidade dos espectadores. Entre a maioria dos assistentes e dos militares, também se davam adeuses talvez eternos; mas todos os corações, até os mais hostis ao imperador, dirigiam ao céu votos ardentes pela glória da pátria. Todos os homens mais cansados da luta começada entre a Europa e a França tinham deposto seus ódios ao passarem sob o arco do Triunfo, compreendendo que na hora do perigo Napoleão era a França inteira. O relógio do castelo bateu meia hora. Nesse momento os zum-zuns da multidão cessaram, e o silêncio tornou-se tão profundo que se ouviria a voz de uma criança. O velho e a filha, que pareciam viver unicamente pelos olhos, distinguiram então um ruído de esporas e um tilintar de espadas que ressoaram sob o sonoro peristilo do castelo.

Um homem baixo bastante gordo, vestindo um uniforme verde, culote branco e calçando botas de montar, surgiu de repente mantendo na cabeça um chapéu de três bicos tão prestigioso como o próprio homem; a larga fita vermelha da Legião de Honra flutuava sobre seu peito, uma pequena espada pendia de lado. O homem foi visto por todos os olhos, e ao mesmo tempo de todos os pontos da praça. Logo os tambores rufaram o toque de continê-

cia, as duas orquestras iniciaram uma frase cuja expressão guerreira foi repetida por todos os instrumentos, da mais doce flauta até a maior caixa. Diante dessa chamada belicosa, as almas estremeceram, as bandeiras saudaram, os soldados apresentaram armas num movimento unânime e regular que agitou os fuzis da primeira à última fila no Carrousel. Ordens de comando lançaram-se de fila em fila, como ecos. Gritos de "Viva o imperador!" foram lançados pela multidão entusiasmada. Finalmente, tudo vibrou, tudo se mexeu, tudo se pôs em marcha. Napoleão estava montado a cavalo. Esse movimento imprimira vida àquelas massas silenciosas, dera voz aos instrumentos, um ímpeto às águias e às bandeiras, uma emoção a todos os rostos. Os muros das altas galerias do velho palácio também pareciam gritar: "Viva o imperador!". Não foi algo humano, foi uma magia, um simulacro da potência divina, ou melhor, uma imagem fugaz daquele reino tão fugaz. O homem cercado de tanto amor, entusiasmo, dedicação, votos, para quem o sol expulsara as nuvens do céu, permaneceu em seu cavalo, três passos à frente do pequeno esquadrão dourado que o seguia, tendo o grande marechal à sua esquerda, o marechal de serviço à sua direita. Em meio a tantas emoções suscitadas por ele, nenhum traço de seu rosto pareceu se comover.

— Ah, meu Deus, sim! Em Wagram, no meio do fogo, no Moscova, entre os mortos, *ele* é sempre a tranquilidade em pessoa.

Essa resposta a inúmeras interrogações era dada pelo granadeiro que estava perto da jovem. Julie ficou um instante absorta na contemplação daquela figura, cuja calma indicava tão grande segurança de poder. O imperador avistou a srta. de Chatillonest e inclinou-se para Duroc, dizendo-lhe uma frase curta que fez o grande marechal sorrir. As manobras começaram. Se até então a jovem dividira sua atenção entre a figura impassível de Napoleão e as linhas azuis, verdes e vermelhas das tropas, nesse

momento ocupou-se quase exclusivamente, em meio aos movimentos rápidos e regulares executados por aqueles velhos soldados, de um jovem oficial que corria a cavalo entre as linhas móveis e voltava numa incansável atividade para o grupo à frente do qual brilhava o simples Napoleão. Esse oficial montava um fantástico cavalo preto e se fazia notar, no meio daquela multidão agalhada, pelo belo uniforme azul-celeste dos oficiais de ordenança do imperador. Seus bordados cintilavam tão intensamente ao sol, e o penacho de sua barrette estreita e comprida recebia clarões tão fortes que os espectadores poderiam compará-lo a um fogo-fátuo, a uma alma invisível encarregada pelo imperador de animar, conduzir aqueles batalhões cujas armas ondulantes lançavam chamas, quando, com um simples sinal de seus olhos, eles se dividiam, se juntavam, rodopiavam como as ondas de um abismo ou passavam diante dele como essas vagas longas, retas e altas que o oceano enfurecido dirige para suas praias.

Quando as manobras terminaram, o oficial de ordenança acorreu a toda a velocidade e parou diante do imperador para esperar as ordens. Nesse instante, estava a vinte passos de Julie, defronte do grupo imperial, numa atitude bem parecida com a que Gérard deu ao general Rapp no quadro da Batalha de Austerlitz. A jovem pôde então admirar seu namorado em todo o seu esplendor militar. O coronel Victor d'Aiglemont, com apenas trinta anos, era alto, de boa aparência, esbelto; e sua bela constituição nunca sobressaía tão bem do que quando ele empregava a força para governar um cavalo cujo dorso elegante e flexível parecia vergar debaixo de si. Seu rosto másculo e moreno possuía esse encanto inexplicável que uma perfeita regularidade de feições comunica a semblantes jovens. Sua fronte era larga e alta. Seus olhos de fogo, ombreados por sobrancelhas grossas e cílios compridos, desenhavam-se como duas ovais brancas entre duas linhas pretas. Seu nariz oferecia a graciosa curva de um

bico de águia. O púrpura dos lábios era realçado pelas sinuosidades do inevitável bigode preto. Suas faces largas e fortemente coradas ofereciam tons castanhos e amarelos que denotavam um vigor extraordinário. Sua figura, uma dessas que a bravura marcou com seu sinete, exibia o tipo que hoje o artista procura quando pensa em representar um dos heróis da França imperial. O cavalo encharcado de suor, e cuja cabeça agitada expressava extrema impaciência, com as duas patas dianteiras afastadas e paradas numa mesma linha sem que uma ultrapassasse a outra, balançava a crina comprida de sua cauda fornida; e sua dedicação oferecia uma imagem material daquela que seu dono tinha pelo imperador. Ao ver seu amado tão ocupado em captar os olhares de Napoleão, Julie sentiu um instante de ciúme pensando que ele ainda não olhara para ela. De repente, o soberano pronuncia uma ordem, Victor esporeia os flancos de seu cavalo e parte a galope; mas a sombra de um marco projetada na areia assusta o animal, que se amedronta, recua, empina, e tão abruptamente que o cavaleiro parece em perigo. Julie dá um grito, empalidece; todos a olham com curiosidade; ela não vê ninguém; seus olhos estão presos no cavalo demasiado fogoso, que o oficial castiga enquanto corre para transmitir as ordens de Napoleão. Essas cenas assombrosas absorviam tanto Julie, que, sem querer, ela se agarra no braço do pai, a quem revelava involuntariamente seus pensamentos pela pressão mais ou menos intensa de seus dedos. Quando Victor estava prestes a ser derrubado pelo cavalo, ela se agarrou ainda mais violentamente ao pai, como se ela mesma corresse perigo de cair. O velho contemplava com sombria e dolorosa inquietação o rosto radioso da filha, e sentimentos de piedade, ciúme, lástima até, deslizaram por todas as suas rugas contraídas. Mas quando o brilho inabitual dos olhos de Julie, o grito que ela acabava de dar e o movimento convulso de seus dedos lhe revelaram um amor secreto, sem dúvida ele deve ter tido certas

tristes revelações do futuro, pois seu rosto mostrou então uma expressão sinistra. Nesse momento, a alma de Julie parecia ter passado para a do oficial. Um pensamento mais cruel que todos aqueles que tinham assustado o velho crispou as feições de seu rosto, que sofreu ao ver D'Aiglemont trocando, ao passar diante deles, um olhar de cumplicidade com Julie, cujos olhos estavam úmidos e cuja tez adquirira extraordinária vivacidade. Ele levou bruscamente a filha para o jardim das Tuileries.

— Mas, meu pai — ela dizia —, ainda há na praça do Carrousel regimentos que vão manobrar.

— Não, minha filha, todas as tropas desfilaram.

— Acho, meu pai, que o senhor se engana. O sr. d'Aiglemont deve tê-las feito avançar...

— Mas minha filha, estou me sentindo mal e não quero ficar.

Julie não custou a acreditar em seu pai quando fixou os olhos naquele rosto a que as inquietações paternais davam um ar abatido.

— Está sofrendo muito? — perguntou com indiferença, de tal modo estava preocupada.

— Cada dia não é um dia de dádiva para mim? — perguntou o velho.

— Mas o senhor vai de novo me afligir falando de sua morte. Eu estava tão alegre! Por favor, expulse suas ideias negras e ruins.

— Ah! — exclamou o pai dando um suspiro —, menina mimada! Os melhores corações são às vezes bem cruéis. Então dedicar-lhes nossa vida, só pensar em vocês, preparar o seu bem-estar, sacrificar nossos gostos pelas suas fantasias, adorá-las, dar-lhes até mesmo nosso sangue, isso não é nada? Infelizmente, sim, vocês aceitam tudo com descaso. Para obter sempre seus sorrisos e seu amor desdenhoso, seria preciso ter o poder de Deus. Depois, enfim, um outro chega! Um amante, um marido nos sequestram os seus corações.